

REENCONTRO
literatura

Luís de Camões

Os Lusíadas

Adaptação de

Rubem Braga e Edson Rocha Braga

Ilustrações de

Carlos Fonseca



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editora
Maria Viana

Editor assistente
Adilson Miguel

Revisão
Elo Cultural Comunicação
Nair Hitomi Kayo

Editora de arte
Marisa Iniesta Martin

Diagramador
Jean Claudio da Silva Aranha
Programador visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes

Roteiro de trabalho
Carlos Eduardo Ortolan



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2013
ISBN 978-85-262-6584-4 – AL
ISBN 978-85-262-6585-1 – PR
Cód. do livro CL: 734180

15.^a EDIÇÃO
6.^a impressão

Impressão e acabamento

• ● •
Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

• ● •
Responsável pela edição original: Maria Cristina Carletti.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Braga, Rubem

Os Lusíadas / Luís de Camões; adaptação de Rubem Braga, Edson Rocha Braga; ilustrações de Carlos Fonseca. – São Paulo: Scipione, 2007. – (Série Reencontro Literatura)

1. Poesia - Literatura infantojuvenil I. Camões, Luís de, 1524?-1580. II. Braga, Rubem III. Braga, Edson Rocha IV. Fonseca, Carlos V. Título. VI. Série.

07-3470

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção: Literatura juvenil 028.5

SUMÁRIO

<i>Quem foi Camões?</i>	5
Por mares nunca dantes navegados.	7
O concílio dos deuses	8
Os mouros de Moçambique.	10
A visita do regedor	13
A armadilha de Baco	15
A vingança das bombardas	16
Pelos rumos da traição	17
Um altar em Mombaça	18
As profecias de Júpiter	22
Um encontro com Mercúrio	24
Uma festa em Melinde.	26
A visita do rei de Melinde	28
Uma história cheia de glórias	29
O caso triste de Inês de Castro.	32
A batalha de Aljubarrota	34
O início de tudo.	37
O velho do Restelo.	39
Pela costa da África	40
A pressa de Fernão Veloso	43
O gigante Adamastor	44
Na Terra dos Bons Sinais	46
No reino de Netuno.	49
Os Doze da Inglaterra	53
A fúria dos ventos	56
Nas terras de Malabar.	58
No palácio do samorim	61
O falso profeta	64

A hora da verdade	66
A traição do catual	68
A troca de reféns	70
O exército de Cupido.	71
A Ilha dos Amores	74
A máquina do mundo	77
<i>Quem foi Rubem Braga?</i>	80
<i>Quem é Edson Rocha Braga?</i>	80

QUEM FOI CAMÕES?

E se, em vez da pergunta acima, começássemos com outra: quem Luís Vaz de Camões não foi?

Muitas respostas poderiam ser dadas; cada um de nós não é, certamente, uma porção de coisas. No caso de Camões, porém, acertaria quem dissesse: não foi um poeta que fez da poesia, aventura, mas alguém que fez da aventura, poesia. Ou seja, ele não se contentou em viajar à roda de seu quarto.

O ano provável de seu nascimento é 1524, e o local parece ter sido Lisboa. Filho de pequenos nobres empobrecidos, frequentou, segundo alguns registros, a Universidade de Coimbra. Ali, entrou em contato com os autores clássicos gregos e latinos – modelos do humanismo renascentista, o movimento artístico, filosófico e literário que, a partir da Itália, irradiara-se pela Europa, determinando novos valores estéticos e morais, através dos quais o homem havia adquirido um papel fundamental na transformação do mundo.

Esse mundo também ganhava novos limites geográficos, com os descobrimentos e conquistas de Espanha e Portugal. Graças aos dois reinos ibéricos, chegou-se à América, em 1492, e foi aberto, em 1497, o caminho marítimo para a Índia, terra das especiarias, mercadorias de grande valor na época. A cada dia, mais e mais homens eram chamados a participar de tão emocionantes acontecimentos.

Entre eles estava Camões. Em 1547, alistou-se como soldado e foi mandado para Ceuta, no Marrocos, onde perdeu o olho direito num combate. De volta a Lisboa, foi preso em 1552, por ferir com um golpe de espada um servidor do rei. Perdoado pelo monarca, partiu para a Índia no ano seguinte. A partir de então, a vida do poeta tornou-se uma sucessão de peripécias.

Participou de várias expedições militares na Índia. Depois viajou para a China, a fim de exercer um cargo administrativo em Macau. No retorno à Índia, naufragou na foz do Rio Mekong, e conseguiu se salvar

a nado, conta-se, com os manuscritos de *Os Lusíadas*, que já andava compondo. Após anos na obscuridade, foi encontrado em Moçambique, em 1567, pelo historiador Diogo do Couto, que assim descreveu o estado de penúria do poeta: “Tão pobre que comia de amigos”.

Regressou a Portugal dois anos mais tarde, com *Os Lusíadas* pronto para publicação, o que se daria em 1572 por concessão do rei D. Sebastião, a quem Camões dedicara sua obra-prima.

Os Lusíadas, aqui adaptado em prosa, é um poema épico dividido em dez cantos, que tem por temas a viagem de Vasco da Gama em busca do caminho marítimo para a Índia e a história portuguesa, desde a luta contra os mouros invasores até a consolidação do Estado luso e as grandes navegações. Sua estrutura narrativa traz influências da *Odisseia*, do poeta grego Homero, e da *Eneida*, do poeta latino Virgílio: em ambas as obras o assunto é a viagem de um herói, símbolo de um povo glorioso, à mercê dos deuses do Olimpo, que estão divididos entre apoiá-lo ou não em sua destemida jornada. Em *Os Lusíadas*, no entanto, os deuses greco-romanos funcionam como “causas segundas”, que cumprem, por meio de fenômenos naturais, as determinações de um destino superior, regido pelo Deus cristão. Essa utilização de elementos mitológicos confere ao poema uma atmosfera de sonho, que alivia a exaltação retórica dos feitos portugueses.

Embora *Os Lusíadas* tenha alcançado a fama de poema nacional português, Camões morreu na miséria, em 1580, deixando também uma extraordinária obra lírica, que foi publicada postumamente.

Desse homem que confundiu sua aventura com a aventura de seu país, vale a pena transcrever as últimas palavras: “Enfim, acabarei a vida e verão todos que fui tão afeiçoado à minha pátria, que não me contentei em morrer nela, mas com ela”. O rei D. Sebastião morrera em 1578 e, dois anos depois, Portugal passou ao domínio da Espanha. O poeta não suportou tanta tristeza.



Por mares nunca dantes navegados

Afrota portuguesa singrava o Oceano Índico, entre a costa oriental da África e a Ilha de Madagascar. O vento brando inchava as velas e uma espuma branca cobria a superfície das águas cortadas pelas proas.

Eram quatro naus. A *São Gabriel*, comandada por Vasco da Gama, que chefiava a esquadra; a *São Rafael*, sob o comando de Paulo da Gama, irmão de Vasco; a *Bérrio*, que tinha por capitão Nicolau Coelho; e a nau que transportava os mantimentos, *São Miguel*, comandada por Gonçalo Nunes.

Levavam 170 homens, entre marujos, escrivães, religiosos e dez degredados. Partiram da Praia do Restelo, em Lisboa, em 8 de julho de 1497, à procura do caminho marítimo para a Índia, o reino das especiarias, como cravo, canela e pimenta, então cobiçadas em toda a Europa.

Em 22 de novembro, dobraram o Cabo da Boa Esperança, no extremo sul da África, façanha só realizada por Bartolomeu Dias, dez anos antes. Mas agora, já haviam ultrapassado o último ponto atingido por aquele navegante na costa oriental da África e continuavam a trajetória para o norte, por águas jamais singradas por navios europeias.

O concílio dos deuses

Enquanto os argonautas portugueses prosseguiam na sua aventura, os deuses iam pelo formoso e cristalino céu da Via Láctea a caminho do Olimpo, de onde a gente humana é governada. Eles haviam sido convocados, por Mercúrio, para um concílio sobre o futuro do Oriente.

No Olimpo, eram aguardados por Júpiter, o pai sublime e senhor dos terríveis raios fabricados por Vulcano. Ele estava em seu trono resplandecente feito de estrelas, com a coroa e o cetro rutilantes, de pedras mais límpidas que o diamante. Do seu rosto emanava um ar tão divino que tornaria também divino qualquer ser humano que o respirasse.

Os outros deuses acomodaram-se em luzentes assentos esmaltados de ouro e pérolas. Na frente, os mais antigos e glorificados. Atrás, os menores. E Júpiter, majestoso, começou a falar em um tom de voz que infundia respeito e temor:

– Eternos moradores do céu estrelado, o Destino determinou que a forte gente de Luso – o bravo companheiro de Baco – realizará proezas que farão cair no esquecimento os